

As obras da UTI do Hospital de Base foram iniciadas no ano passado mais estão paradas há vários meses por falta de verba

Relatório mostra a falência do sistema de saúde pública do DF

9861 19W 57

JORNAL DE BRASÍLIA

25 MAI 1986

«Nenhum dos centros de saúde ou hospitais da Fundação Hospitalar do Distrito Federal reúne as condições necessárias para o atendimento à população. As péssimas instalações, falta de remédios e de material, além da escassez de recursos humanos, faz com que os médicos, agora respaldados legalmente pela resolução do Conselho Regional de Medicina, se neguem a continuar enganando a população».

A afirmação é do presidente do Sindicato dos Médicos, Carlos Saraiva e Saraiva, que encaminhou na semana passada à Secretaria de Saúde um relatório preparado por todas as regionais denunciando as condições absurdas a que estavam obrigados a trabalhar até hoje. Segundo Saraiva, na greve do ano passado, quando os médicos ficaram 25 dias paralisados, a categoria exigiu além das melhorias salariais a garantia de que as mudanças das condições de trabalho seriam promovidas. «Conquistamos os 40% de reposição, mas nada mudou na fundação para melhorar o atendimento à população», acentuou.

De acordo com o presidente do Sindicato dos Médicos, por quase um ano a população foi enganada e não recebeu o atendimento que merecia. «Nada podíamos fazer porque as nossas denúncias não foram ouvidas pelo governo». Agora — declarou Saraiva — será diferente pois não retornaremos ao trabalho. A resolução do CRM, aprovada em assembléia esta semana nos garante o direito de nos resguardar contra os prejuízos que porventura venham a ocorrer», acrescentou.

Do relatório final, encaminhado à SES, ao Ministério da Previdência Social e ao Congresso Nacional, constam as falhas da rede hospitalar e as soluções para os principais problemas. Os profissionais da Fundação estabeleceram as prioridades para que a alocação dos recursos disponíveis na Secretaria de Saúde seja feita de forma a lhes garantir melhorias imediatas.

O relatório aponta como uma das situações mais drásticas em toda a rede, a morosidade das obras e reformas de instalações tanto no Hospital de Base quanto nas regionais, entre as quais, a do Gama onde está sendo recuperado o sistema de esgotos. No Hospital de Base os médicos exigem a retomada imediata das obras da UTI, no quarto andar do Pronto-Socorro. Estas obras foram iniciadas no ano passado e por falta de verba está paralisada há vários meses. Durante todo esse tempo apenas a derrubada das paredes que dividiam os apartamentos e enfermarias foi feita, transformando o andar em um imenso salão. De acordo com Acyr Magalhães, chefe da UTI, as instalações do andar inferior são precárias e não comportam todos os pacientes.

Ainda no Hospital de Base outro grave problema preocupa os

médicos. As caldeiras instaladas em área central cobrem diariamente os móveis, janelas e instalações do Pronto-Socorro, com uma camada de fuligem. De acordo com um guarda, de plantão ontem à tarde, no portão lateral do hospital, «às vezes, é preciso ficar horas dentro da guarita por causa da fumaça. A poluição é tanta que assusta até os pacientes menos avisados», garantiu.

O restaurante destinado às refeições dos funcionários da limpeza, copa e serviços auxiliares — o restaurante B — atende em condições inadequadas, fazendo com que os funcionários comam às pressas, pela falta de ventilação que transforma o local em uma verdadeira sauna. «Quando a comida está quente» — salientou uma das coqueiras — «a gente não consegue engolir direito».

Mas os outros hospitais do Plano Piloto também são deficientes. De acordo ainda com o relatório, o Hospital Regional da Asa Norte — HRAN não passa de um hospital bonito e luxuoso que não funciona por inteiro. «Não dispõe de pessoal suficiente e de material permanente e de consumo, tornando-se parcialmente ativado». O HRAN foi projetado sem prever a existência de um Pronto-Socorro, o que fez — segundo o relatório — com que ele funcione em instalações sem espaço e ventilação suficientes.

Em todos os hospitais das cidades-satélites — a exemplo do que ocorre no Plano Piloto —, os profissionais trabalham sem material necessário. No Hospital de Planaltina além da falta de equipamento e material imprescindíveis ao exercício das atividades profissionais do setor, não há sequer um hematologista para os exames de sangue. O berçário daquela unidade também não tem ventilação e o quadro de pessoal é deficiente.

Na regional da Ceilândia que atende a maior população e uma das mais carentes do Distrito Federal, a emergência não conta com otoscópio ou aparelho de gasometria. O único aparelho de Raios-X não está funcionando para aquela população.

Os Centros de Saúde — observa a categoria — passam por uma deficiência extrema e crônica de recursos materiais, e de materiais de consumo que vai desde a falta de macas, estetoscópios, termômetros, balanças e cadeiras, até a de material de esterilização e higienização. Ali a manutenção de materiais não é feita o que dificulta o trabalho de médicos e paramédicos. O despreparo do pessoal da limpeza também é gritante — aponta o relatório.

Basicamente, as exigências dos profissionais da área é com relação a manutenção do estoque de medicamentos nas unidades, reposição de material de consumo, reforço de material instrumental e reformas das instalações.